

Segurança ainda causa polêmica

Os números da violência continuam a preocupar a matemática política e administrativa do governo. Para o governador Cristovam Buarque, "a Micarê, no aspecto festivo, superou todas as anteriores". O governador cobrou uma outra postura em relação ao evento. "Vocês só pensam nisso (violência). Por que também não falam do lado bom?" questionou aos repórteres. Cristovam foi enfático ao afirmar que Micarê não foi um campo de batalha.

Uma das filhas do governador participou da festa. Cristovam Buarque esteve na Micarê, na madrugada de sábado, no camarote do *Correio Brasileiro*, quando explicou por que não pulava ao som dos trios. "Eles não tocam frevo", justificou, como bom pernambucano.

Mesmo tentando não fazer alarde, disse que mandou investigar os motivos da violência. "Vamos ver se foi obra de algum maluco ou doído ou se foi outra coisa", afirmou. A investigação, entre outros objetivos, é para saber se houve ou não falha na segurança.

A presidente do Movimento Jovem Contra a Violência discorda, Léa Lúcia Carvalho, discorda. "O governador foi muito irresponsável ao sancionar o projeto de lei tornando oficial a Micarecandanga, sem se preocupar em fazer antes uma ampla campanha contra a violência", afirmou. "Por que não utilizou os R\$ 150 mil gastos com publicidade de autopromoção do GDF nessa campanha e

não colocou 150 policiais acompanhando o cordão da pipoca de cada trio, como cansei de pedir?"

Em protesto pelo fim da violência na Micarê, a carioca, de 33 anos, foi ontem à tarde, sozinha, ao Palácio do Buriti entregar um manifesto, em nome dos dois mil jovens que integram o Movimento. Como o governador não se encontrava no palácio, o documento teve de passar pela burocracia institucional e ser protocolado. Só hoje deve chegar à mesa de Cristovam Buarque. "É um protesto solitário, mas solidário", disse.

MUDANÇAS

O oficial da PM responsável pelo comando do policiamento durante a Micarê, Coronel Augusto Willer, considerou a festa como a mais tranqüila de todas já realizadas em Brasília. Willer argumentou que a violência concentrou-se no segundo dia da festa, na sexta-feira, quando aconteceram os três assassinatos. Segundo ele, os crimes acontecidos durante a Micarê foram impulsionados por dois fatores: a presença de gangues e a iluminação insuficiente de alguns locais nas imediações do *Caldeirão da Folia*. "Nós já havíamos previsto que as zonas escuras deveriam ser melhor iluminadas, mas isso só aconteceu a partir de sábado", disse.

O coronel reconheceu a necessidade de aperfeiçoamento do esquema de segurança da festa, mas sugeriu o lançamento de uma campanha de não-violência na Micarê do pró-

ximo ano. "Temos que desarmar os espíritos para não assistirmos novamente cenas como a da última sexta-feira", ponderou.

Segundo Willer, o esquema de trânsito montado pela PM foi aprovado pelo comando da corporação e deverá ser repetido no ano que vem. Também no próximo ano, locais como o Centro de Convenções Ulysses Guimarães, propícios à ação de bandidos, deverão ser isolados com cercas.

"Temos que aperfeiçoar a festa, mas com uma participação maior do promotor do evento. Na parte que dá lucro, ele ajuda. Na que não dá, ele se exime e joga a responsabilidade para o governo local", disse, numa crítica a Sérgio Mayone, um dos sócios da empresa que organiza a festa, a *Monday Monday*.

DOCUMENTOS

Durante os quatro dias de Micarê, somente o posto da Polícia Civil montado no local da festa recolheu mais de 200 documentos diversos perdidos por foliões. Esses documentos, assim como os que foram recolhidos por órgãos como o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) e Correios, estão sendo centralizados no Instituto de Identificação (II), onde serão catalogados. Eles vão estar à disposição dos donos a partir da próxima segunda-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h, no próprio órgão, que fica no Complexo da Polícia Civil, no Parque da Cidade.



Apesar das três mortes durante a festa, Polícia Militar avaliou que teve um trabalho tranqüilo na Micarê